

II GUERRA MUNDIAL

Do céu alentejano caíram aviões nazis

Antes de ser um aparelho militar, o avião chamava-se FW 200 Condor e destinava-se à aviação civil



O concelho de Moura foi palco de combates aéreos, na última Grande Guerra. Dois bombardeiros alemães foram abatidos pela aviação aliada. Destroços e campas lembram os episódios.



Devido à sua grande autonomia tornou-se o bombardeiro ideal para atacar os comboios navais aliados que passavam na costa portuguesa



hotel de moura



Focke-Wulf 200 Condor era o modelo dos aparelhos alemães que caíram no Alentejo, depois dos combates com os aliados nos céus de Moura



Em Moura viveram-se momentos de medo, quando um avião se despenhou, em 15 de Junho de 1941. Era o segundo aparelho alemão a cair no Alentejo.

Os Focke-Wulf Condor eram tão versáteis que o próprio Hitler transformou um deles (na foto abaixo) para seu avião particular



Os céus do concelho de Moura, no Alentejo, estremececeram por duas vezes, no curto espaço de quatro meses, em 1941, em plena Segunda Guerra Mundial. Um bombardeiro nazi, perseguido pela aviação aliada, aterrou de emergência, a cerca de três quilómetros da vila. Outro foi atingido por caças britânicos -e despenhou-se na Herdade da Tapada, nos arredores da Amareleja.

O primeiro avião sobrevoou Moura a baixa altitude, ao fim do dia da tarde 9 de Fevereiro de 1941, com roncões ensurdecedores. A população gigante dos céus - um enorme bombardeiro com quatro motores instalados nas asas, um Focke-Wulf 200

Condor, conhecido pela grande autonomia de voo. Aterrou de emergência, próximo de Santa Marta. Nessa manhã, o quartel-general de Berlim tinha divulgado que os seus aviões atacaram um comboio naval inglês no Atlântico, ao largo da costa portuguesa: dois navios foram afundados e outros tantos ficaram gravemente danificados. É natural que o bombardeiro nazi pertencesse à esquadrilha de ataque - e, por ter sido atingido pela artilharia dos navios britânicos, foi obrigada a uma aterragem forçada no Alentejo

Os seis tripulantes escaparam ilesos e testemunhas viram-nos sair do avião.

Os aviadores alemães trocaram os fatos de voo por roupa civil, queimaram muitos papéis, incendiaram o avião - e puseram-se a pé, a caminho da fronteira.

Os lavradores, que os observaram ao longe, correram a avisar o posto da GNR de Moura. A Guarda, auxiliada por efetivos da Legião Portuguesa, iniciou a perseguição aos fugitivos. Os tripulantes do bombardeiro alemão foram capturados no dia seguinte, ainda em território português, e conduzidos ao comando militar, no quartel-general de Beja. Não foram feitos prisioneiros. Ficaram alojados no Grande Hotel, em Moura, com discreta guarda à porta, à disposição das autoridades.

Na tarde do dia 10, três aviões portugueses sobrevoaram a região em missão de reconhecimento.

GIGANTES DO AR

O Focke-Wulf 200 Condor, construído pela fábrica alemã Flugzeugbau, foi inicialmente um avião civil. Tinha, então, a designação de *Fw 200* e fez o seu primeiro voo em 1937. Acabou por ser adaptado a missões militares, ainda em 1939, a pedido da Força Aérea japonesa. Esta versão estava equipada



com reactores mais potentes e passou a chamar-se *FW 200 Condor*. Durante a Segunda Guerra Mundial, ao serviço das tropas de Hitler, ficou conhecido com um verdadeiro rei dos ares: era utilizado como bombardeiro e como avião de patrulhamento marítimo de longa distância.

II GUERRA MUNDIAL

O marechal Hermann Goering, chefe da Força Aérea Alemã, gostava de se pavonear fardado

Os aviões alemães aliavam a capacidade de voos de longa distância a um forte poder de fogo



O primeiro bombardeiro alemão ficou em solo alentejano depois de ser obrigado a fazer uma aterragem de emergência

O *Diário de Notícias*, de 11 de Fevereiro, publicava: "Um avião alemão de bombardeamento aterrou perto de Moura." Fazia também a descrição do aparelho: "O fogo consumiu parte do motor e da aparelhagem de bordo, apresentando-se intacta a fuselagem das asas. Tinha gravado um D e um K, uma cruz suástica na cauda, com dois metros de altura, e um registo de nove raids a Narvique, na Noruega, e 23 à Grã-Bretanha."

Os aviadores alemães, apesar da vigilância montada à porta do hotel onde estavam alojados, saíam quando lhes apetecia: iam ao cinema, entravam nos cafés e ofereciam bolachas e chocolates à criançada de Moura. Um belo dia, desapareceram - sem deixar rasto.

O jornal alentejano *A Planície* apressou-se a dar a notícia: "Algures numa praia algarvia, um submarino alemão aguardava a sua chegada a fim de os repatriar". Mas a memória do povo guardou outra versão da fuga, menos

rebuscada: os aviadores teriam sido transportados até à Amareleja por um alemão, Alfred Hahn, responsável pela manutenção da máquina de projectar cinema em Moura, e dali seguiram para a vizinha localidade de Valência dei Monbuey, no outro lado da fronteira.

O ministro do Interior foi devidamente informado da fuga dos alemães. Coube a tarefa ao coronel Martins Carneira, comandante da PSP de Beja: "Tenho a honra de comunicar a V. Ex.^a que os aviadores alemães se ausentaram de Moura em traje civil, na madrugada de 21, só sendo notada a sua falta às 13 horas do mesmo dia e suspeita-se que tenham seguido para a fronteira". O ministro, a bem da Nação, rematou, sem pedir explicações: "Visto e archive-se".

Quatro meses depois, ainda o povo de Moura não esquecera o episódio do bombardeiro nazi, deu-se um

combate aéreo na região. Seriam cinco da madrugada de 15 de Junho de 1941. Pareciam trovões. Os céus alentejanos tremeram com rajadas de metralhadoras e iluminaram-se com fortes explosões. Caças ingleses perseguiram como felinos outro bombardeiro nazi Focke-Wulf FW 200 Condor. O aparelho foi abatido. Explodiu no ar - e caiu como uma bola de fogo na Herdade da Tapada, nos arredores da Amareleja, concelho de Moura. Os seis tripulantes não sobreviveram.

Os corpos das vítimas, com idades entre os 21 e os 29 anos, foram transportados para a morgue do Hospital de Moura. O subdelegado de saúde e o diretor clínico do hospital identificaram os cadáveres a partir de documentos recuperados dos bolsos. Foi-lhes dado um funeral digno: estiveram em câmara ardente, na Sala dos Mesários da Misericórdia, no

Convento de Nossa Senhora do Carmo, foram velados por uma força da Legião Portuguesa - e sepultados no cemitério de Moura.

Comunicados militares emitidos a partir de Londres davam conta, no dia 15 de Junho, de que os aliados sofreram vários bombardeamentos aéreos nos portos de Gibraltar, na região Sul de Espanha, e de Tobruk, no Norte de África. As notícias britânicas foram confirmadas, no mesmo dia, por notas oficiais de Berlim: "A Oeste de Gibraltar, no Atlântico, um comboio naval inimigo bastante importante foi atacado pela nossa aviação de combate. Foram afundados dois navios de carga". O avião que viria a ser abatido nos céus da Amareleja, muito provavelmente, teria participado nos ataques à frota.

Esse dia 15 de Junho de 1941 foi muito agitado em Portugal. O cabo-furriel do posto da GNR de Reguengos comunicou por telegrama ao comando, em Beja: "Sobrevoadada a vila por aviões desconhecidos, hoje, quatro horas, direção Norte - Sul".

O capitão da GNR de Beja informou o Comando-Geral da corporação, em Lisboa,



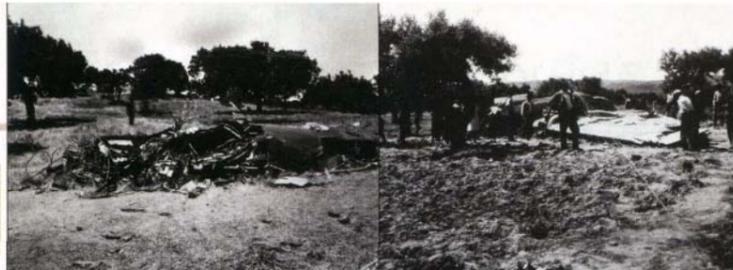
A tripulação do bombardeiro, que foi forçado a uma aterragem de emergência no Alentejo, foi hospedada no Grande Hotel, de Moura até desaparecer

II GUERRA MUNDIAL



Os corpos dos aviadores, que morreram na queda de 15 de Julho, estiveram em câmara ardente

Destroços do bombardeiro que se despenhou a 15 de Julho. Os seis membros da tripulação morreram



Sepulturas da tripulação do avião abatido em Aljezur

Condor abatido sobre o Alentejo foram sepultados em Moura

que nesse dia, no sentido Este - Oeste, por volta das quatro horas, Cuba fora sobrevoada por aviões desconhecidos. Comunicava, ainda, que em Mombeja, Aljustrel, Castro Verde, Mértola e arredores de Beja, cerca das quatro horas, foram avistados aviões.

Apenas a 17 de Junho, a GNR enviou um relatório ao ministro do Interior - ainda assim, omitiu a versão das testemunhas sobre o combate aéreo por cima da vila.

O que se passou, realmente, naquela madrugada de 15 de Junho, nos céus do Baixo Alentejo, ainda hoje está envolto num insondável mistério. No pó dos arquivos, repousa um relatório de dois soldados da GNR da Amareleja a que ninguém ligou.

Os guardas garantem que ouviram, pelas três horas da manhã, ruídos de motores de

aviões - e saíram imediatamente de casa. Viram muito bem que se travava um combate aéreo sobre a Herdade dos Fornilhos. Era noite e, por isso, não contaram quantos aparelhos estavam no ar - mas ouviram distintamente as rajadas das metralhadoras. Até que os aparelhos se afastaram e voltou o silêncio. Cerca das quatro horas, voltaram a ouvir as rajadas. Neste instante, caíram quatro bombas para os lados da Malhada das Cabras do Monte.

Os dois homens da GNR sentiram que os aviões se afastavam para Oeste, rumo ao mar. Viram quatro aparelhos em queda, dois deles em chamas. Correram em direção às labaredas - e encontraram três para-quedas abertos e abandonados, a cerca de 200 metros dos destroços a arder. "Não sabe-

mos se poderão ou não existir sobreviventes", escreveram os guardas.

Noutro avião, os guardas encontraram dois tripulantes, no assento da frente, e dois mais atrás, abraçados - todos mortos. Aproximaram-se do terceiro avião e descobriram "um tripulante quase carbonizado."

O relatório dos soldados da GNR da Amareleja fica-se por aqui. Não fala do quarto avião - o bombardeiro alemão. Mas já sabemos que os seis tripulantes desse aparelho tiveram um funeral digno. Os outros três aparelhos seriam britânicos - e, por isso, foram riscados da história oficial e os aviadores mortos enterrados em segredo. Os dois pilotos que conseguiram saltar de paraquedas não deixaram rasto.

Dois anos depois dos acontecimentos de Moura, a 9 de

Julho de 1943, mais sete alemães, a bordo de um bombardeiro quadrimotor, encontraram a morte no nosso País - em Aljezur, no Algarve. O aparelho voava ao largo da costa algarvia, quando foi interceptado por um caça britânico da Royal Air Force.

Na madrugada do dia 8 para o dia 9 de Julho de 1943, os aliados tinham atacado posições nazis na Sicília - enquanto vários comboios navais navegavam rumo ao Mediterrâneo. O avião abatido em Aljezur fazia parte de uma esquadrilha alemã com a missão de atacar a frota aliada. Foi perseguido por um caça britânico e não conseguiu escapar-lhe: atingido, despenhou-se contra a falésia.

Entre os destroços, estavam os corpos carbonizados de sete aviadores alemães. Os funerais dos tripulantes do avião foram organizados pelo chefe da Legião Portuguesa do concelho, pelo comandante da Guarda Fiscal e pelo presidente da câmara. Os corpos ficaram sepultados no cemitério de Aljezur.

O Estado alemão, em sinal de reconhecimento, enviou aos três portugueses que se empenharam nos funerais medalhas e diplomas assinados por Adolf Hitler.

A LENDA DO TESOURO

O povo sempre disse que o aparelho alemão transportava moedas de ouro para pagar armamento para os exércitos de Hitler. O tesouro, de acordo com a tradição popular, foi encontrado e escondido por um pescador - que morreu

sem revelar o local do esconderijo. Durante anos a fio, o rasto deste foi perseguido: muita gente acorreu à zona de Aljezur, armada de detetores de metais, à procura do tesouro. Nada foi encontrado. Até hoje.